



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV

Wesley da Silva Santos

O SENTIDO SUBJACENTE ÀS FORMAS DO VERBO:
A SEMÂNTICA DAS DESINÊNCIAS

Jacobina – Bahia

2012

Wesley da Silva Santos

**O SENTIDO SUBJACENTE ÀS FORMAS DO VERBO:
A SEMÂNTICA DAS DESINÊNCIAS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, Jacobina-BA, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura no curso de Letras Vernáculas.

Orientador: Profº Mestre Tadeu Luciano Siqueira Andrade.

Jacobina – Bahia

2012

Wesley da Silva Santos

O SENTIDO SUBJACENTE ÀS FORMAS DO VERBO:

A SEMÂNTICA DAS DESINÊNCIAS

Monografia de conclusão de curso submetida à banca examinadora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, como pré-requisito para a conclusão do curso de Letras Vernáculas.

Aprovado em 20/12/2012

Prof^o Me. Tadeu Luciano Siqueira Andrade
Universidade do Estado da Bahia

Prof^aMa. Thaís Nascimento
Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Esp. Geysa Andrade da Silva
Universidade do Estado da Bahia

No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; (...) E o verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do pai, cheio de graça e de verdade. (João 1: 1 a 4 e 10)

RESUMO

O presente trabalho reflete, à luz da morfologia, sobre a carga semântica das desinências verbais e sua relevância para explicar a estrutura e o sentido das formas conjugadas do verbo. Para tanto, traz como objeto de análise o livro didático a fim de averiguar se as explicações consignadas nesse instrumento metodológico, concernentes à índole dessa densa classe de palavras, contemplam devidamente as propriedades semânticas das categorias de modo, tempo, número e pessoa; bem como, a necessidade de proceder com o reconhecimento do sentido das formas flexionadas do verbo por meio das desinências para a inequívoca atribuição de sentido e o uso adequado das formas verbais. Como o radical e das desinências se concatenam, morfológica e semanticamente, esta pesquisa tenciona também investigar se o livro didático, além de reconhecer as desinências como morfemas que detêm parte da significação do verbo, fornece subsídios para a identificação das formas com base em tais morfemas.

Palavras-chave: Verbo, semântica, palavra, forma, desinências.

ABSTRACT

This work reflects, through the morphology, on the semantic of verbal endings and their relevance to explain the structure and meaning of the conjugated forms of the verb. Therefore, it brings the textbook as an object of analysis to ascertain whether the explanations contained in this methodological tool, concerning the nature of this class of words dense, properly contemplate the semantic properties of categories of mode, tense, number and person, as well as the need to proceed with the recognition of the meaning of the inflected forms of the verb endings through to the unequivocal attribution of meaning and proper use of verb forms. As the radical and the endings are concatenate, morphologically and semantically, this research will also investigate whether the textbook recognizes as the endings as morphemes which own part of the meaning of the verb, to aid the identification of forms based on such morphemes.

Keywords: Verb, semantics, word, endings, form

AGRADECIMENTOS

A Deus, porque, além de ter me concedido a graça da vida eterna, continua a me abençoar com as dádivas vindas de suas mãos.

Ao professor orientador Tadeu Luciano, pelas valiosas e decisivas contribuições para o efetuar desta pesquisa.

À professora Patricia Vilela, pela paciência dispensada a este incipiente pesquisador. Isso demonstra que a sua sensibilidade humana precede ao seu profissionalismo.

À Minha esposa Janiele, pela entrega sincera na realização de mais este sonho. Mas principalmente, por ter me presenteado com dois filhos lindos, além do seu amor.

Aos meus filhos Nicolas Samuel e Gabriel, por simplesmente me inspirarem a viver, lutar e vencer.

À minha amiga Rosana, pelos muitos dias que renunciou os seus afazeres para me ajudar nas muitas fases deste trabalho.

Ao professor Rodrigo Reis, por ter aceitado o súbito convite para me ajudar na produção do abstract.

Aos meus irmãos Alisson e Asley, este por ter me auxiliado em muitos detalhes que envolviam esta produção e aquele por, além de proferir palavras de encorajamento nos momentos mais críticos deste trabalho, contribuir grandemente para a materialização deste sonho.

Ao meu amigo e irmão Itailson, pela paciência com que me serviu durante os dias que precisei dos seus serviços.

A minha querida mãe, por sempre ter acreditado em mim, mesmo nos momentos de grandes adversidades. Pelo o amor e carinho constantemente derramados sobre minha vida.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Tabela do verbo ser.....	24
Figura 2-Conceito geral dos modos verbais.....	25
Figura 3 -Modos Verbais.....	26
Figura 4 - Tempos verbais.	27
Figura 5 - Números e pessoas verbais.....	29
Figura 6 - A constituição do verbo.....	32
Figura 7 - As derivações do Pretérito Perfeito.....	33
Figura 8 - Os tempos derivados do infinitivo.....	35
Figura 9 - As desinências do Pretérito imperfeito.	36
Figura 10 - A formação do Pretérito imperfeito com base nas desinências.....	37
Figura 11 - Explicação do modo subjuntivo.....	38
Figura 1 - Referência das desinências verbais.	39
Figura 2 - Conjugação do verbo andar com a segmentação das desinências.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 MORFOLOGIA: UM DIÁLOGO ENTRE SENTIDO, PALAVRA E MORFEMA.....	13
1.1 A formação do verbo em português	19
1.2 Flexão: um sistema regular e fechado	20
1.3 As leis de comutação a serviço da conjugação verbal	21
2 O DESENHO ATUAL DOS ESTUDOS VERBAIS.....	23
2.1 A tabela das conjugações é suficiente para empreender o sentido do verbo?.....	19
2.2 Como são conceituadas e descritas as categorias de modo e tempo?.....	25
2.3 Os livros didáticos dispensam a devida atenção às categorias de número e pessoa?.....	28
3 COMO OS LIVROS DIDÁTICOS TRATAM AS DESINÊNCIAS VERBAIS.....	31
3.1 Os morfemas desinenciais são apresentados como parte da significação do verbo?.....	32
3.2 Um estudo verbal centrado nos morfemas desinenciais	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

A palavra, fonte inesgotável de significação e importante elemento da comunicação humana, sempre ocupou lugar especial na atenção de estudiosos e pesquisadores da língua. Desde os estudos filológicos e gramaticais, a palavra vem sendo objeto de pesquisa e ponto de densas reflexões, por ser detentora de um universo complexo e igualmente fascinante. Esses estudos trouxeram grandes descobertas acerca da língua e contribuíram para ampliação do entendimento da palavra. Dentre eles, destacamos o morfológico que permitiu não só a classificação os nomes, como também conhecer sua estrutura e, conjugadamente, os seus significados. No domínio desse conhecimento, situa-se esta pesquisa, a fim de somar alguma contribuição para as investigações da morfologia.

O presente trabalho assenta-se nos moldes da abordagem qualitativa, e se utiliza das técnicas da pesquisa etnográfica para realização de uma pesquisa de cunho bibliográfico, pois objetiva contextualizar os estudos verbais na abordagem do livro didático de língua Portuguesa à luz da morfologia, para investigar se este instrumento de ensino tem fornecido os subsídios necessários para o efetivo aprendizado do verbo.

É uma pesquisa de natureza sincrônica, haja vista que o interesse deste trabalho é considerar o funcionamento atual da língua, ou seja, como seus estudos estão configurados no momento.

Ademais, esta pesquisa tenciona também refletir sobre o significado e função imanente das partes que compõem o verbo, os morfemas, para sua compreensão total, haja vista que o verbo, à semelhança das demais classes de palavra, é um agregado de morfemas. Ressaltaremos assim, a necessidade de observar as peculiaridades semântico-morfológicas desses componentes para, assim, fazer uso adequado das formas verbais.

A língua é um sistema e, como tal, precisa ser observada em sua organização, ou seja, nos sentidos semântico-lexical, fonético-fonológico e morfossintático. Cada um desses níveis da língua é responsável pela função detalhada de uma área específica. Assim, a semântica estuda o significado das palavras; a fonética e a fonologia, os sons da fala e da língua respectivamente; a sintaxe se detém a estudar a relação entre as palavras na oração, o léxico explica o

conjunto de palavras de um idioma e a morfologia se propõe a explicar a estrutura das palavras. Da confluência de todos esses níveis, surge a pragmática, que é, na verdade, o uso consciente e espontâneo de todas essas partições da língua.

Está posto que o significado da palavra transita por todos esses subsistemas e está ligado a um contexto. Neste trabalho, porém, vamos nos deter ao morfológico, para analisar se a metodologia como os estudos verbais estão sendo conduzidos pelos livros didáticos *Novas palavras* (ensino médio) e *Linguagens e textos* (7º ano) é suficiente para conduzir o estudante da língua ao sentido de todas as suas propriedades e à carga semântica das desinências que lhe constitui. Para tanto, esta pesquisa se apoiará nos moldes da morfologia com ênfase aos morfemas gramaticais.

Destarte, no primeiro capítulo, apresentaremos a intrínseca relação entre sentido, palavra e morfema no âmbito da morfologia, sinalizando para a necessidade da observação desse fenômeno. No segundo, traçaremos um panorama dos atuais estudos verbais na perspectiva dos livros didáticos, comparando-os como as prescrições de linguistas e gramáticos da área da morfologia. E no terceiro e último capítulo, analisaremos como os livros didáticos tratam as desinências verbais.

Como o verbo traz em seu bojo essa especificidade e sua concepção está atrelada à contemplação dessas partes, evidentemente que não seria possível ao estudante da língua fazer uso adequado dos verbos (no que tange à obediência da norma culta) sem se deter ao estudo do significado de suas formas, pois, mesmo a lingüística admitindo o uso não prescritivo das palavras como sendo uma manifestação comunicativa tão eficiente quanto a que prescreve a norma padrão, essa ciência postula também que toda língua é norteadada por sua respectiva gramática, que, além de descrever o funcionamento da língua, prescreve regras para realização de sua efetiva comunicação.

Portanto, os verbos são formados a partir da combinação do tema (radical mais vogal temática) com as desinências, morfemas cuja significação se junta ao radical para acrescentar-lhe um sentido novo, urge perguntarmos se essa significação é observada ou desprezada na concepção e uso das suas formas. Outro questionamento também se apresenta diante dessa pesquisa: como é possível produzir sentidos, reconhecer os significados das formas verbais e perceber a diferença da semântica entre os verbos de um mesmo paradigma, como, por exemplo, *amou*, *amava* e *amará*, sem as contribuições da morfologia?

Foi pensado em dirimir problemas semelhantes a esses que nos propusemos a pesquisar sobre o tema em questão, percebendo que não são poucas as confusões feitas em relação ao significado das formas verbais, principalmente no que toca à distinção de sentido entre verbos de um mesmo paradigma. O que torna esta pesquisa além de necessária, com alguma relevância, é o fato de que o ensino de morfologia voltado ao estudo dos verbos da língua portuguesa parece não estar atendendo aos seus objetivos, centrando-se sempre na classificação e memorização das suas formas, relegando os sentidos dos morfemas desinenciais para um segundo plano.

Do que adianta fixar todas as tabelas das conjugações verbais e não ser capaz de separar uma forma de outra, quando semelhantes? Do que serve conhecer os tempos e os modos verbais e não conseguir perceber a diferença de sentidos entre eles? Mais importante do que esse conhecimento, é a observação do significado das categorias de modo, tempo, número e pessoa referido nas suas respectivas desinências.

Assim, é mais proveitoso saber por que uma forma verbal foi classificada como primeira pessoa do presente do indicativo do que a simples memorização dessas denominações, bem como é mais útil compreender a explicação dos modos e tempos do verbo do que ficar horas e horas tentando decorar um número extenso de conjugações. Se os estudos morfológicos caminharem nesse sentido, a língua passará a ser concebida como ela realmente é: um organismo vivo e dinâmico. Dessa forma, as palavras passarão a exercer precisamente a sua função discursiva.

1 MORFOLOGIA: UM DIÁLOGO ENTRE SENTIDO, PALAVRA E MORFEMA

O escopo da morfologia é, indubitavelmente, o estudo da forma, mas não há como negar que há um sentido subjacente à forma das palavras, decorre daí a necessidade de se promover um estudo morfológico no qual forma e sentido se fundem, tornando-se um único objeto de análise. Esta perspectiva coloca as descrições da língua na posição mais próxima do seu uso, porque reconhece a tríplice relação entre palavra, forma (morfema) e sentido. Neste capítulo apresentaremos como essa analogia acontece, confirmando a necessidade do seu reconhecimento.

Embora a morfologia e a semântica sejam considerados campos diferentes, ressaltamos que os estudos morfológicos não se limitam à estrutura superficial da forma, ficando apenas o sentido a cargo da semântica. Pelo contrário, a abordagem morfológica está para além do estudo da forma, alcançando os domínios da significação. Daí, o entendimento de que a morfologia e a semântica não se separam, encontram-se. Assim sendo, salientamos que, ao contrário dos fonemas e das sílabas que não têm significado, os morfemas são dotados de significação. Por o verbo ser formado a partir da combinação dessas partículas, é do interesse desta pesquisa apontar para a carga semântica de tais morfemas, bem como para o sentido das categorias de modo, tempo, número, pessoa, as quais essas desinências fazem referência.

Se seguirmos na mesma linha da tradição ocidental que busca explicar as áreas do conhecimento a partir do étimo do seu termo designativo, diremos que *morfologia* vem das formas gregas *morphê*, forma e *logos*, estudo, tratado. No entanto, encontraremos, nesse título, uma aparente contradição: como a morfologia poderia dar ênfase ao significado, se o centro do seu interesse é a forma? O que nos levaria a concluir que a morfologia estaria rompendo os domínios do seu campo de atuação. Mas, ao contrário do que a etimologia do termo propõe, não pode ocorrer um estudo morfológico satisfatório se o aspecto semântico das formas não for tratado com atenção, ou melhor, se as formas das palavras não servirem de porta de acesso ao sentido delas.

Mas, afinal, qual é o objeto de estudo da morfologia? A morfologia estuda a palavra pela apresentação da sua forma. Por isso, traremos neste trabalho uma proposta de estudo de morfologia, mais especificamente de conjugação verbal, que trate a palavra como um complexo de forma e sentido, que pode ser analisada e interpretada a partir da segmentação e isolamento das partes que a compõem, os morfemas, por conta da carga semântica que lhes é inerente; ou - quando essa primeira alternativa não for possível - pela compreensão da totalidade dessas partículas, ou seja, a palavra num todo. Essas duas acepções dividem a morfologia nas seguintes correntes antagônicas: morfologia da palavra e morfologia do morfema.

A morfologia baseada em palavras busca dar conta da palavra na totalidade da sua forma e para isso se utiliza não da estrutura interna da mesma, mas da sua significação externa, do sentido recorrente entre os falantes. Esse modelo, portanto, exige sempre uma consulta prévia ao vocabulário, quando for atribuir sentido a uma palavra. Essa proposta de análise surge em oposição ao modelo que analisa as palavras a partir dos morfemas, pois procura tirar do morfema o *status* de objeto central da análise morfológica, relegando-lhe a um segundo plano. Para Rosa:

O redimensionamento do conceito de morfema significou retirar dele papel central na análise morfológica. Na busca de explicação para a **competência lexical** dos falantes, o que passa a ser necessário não é estabelecimento de listas de elementos mínimos, mas a resposta a questões acerca de que palavras os falantes podem formar, que tipos de palavras, novas ou antigas na língua, são capazes de analisar, que relações estabelecem no âmbito do vocabulário. (ROSA, 2005, p. 69)

Se o morfema deixa de ser o cerne da análise morfológica, essa competência passa agora a ser desempenhada pela palavra como um todo, que assume a condição de forma com sentido pronto, que não se separa em unidades mínimas significativas. Com base nas palavras *conceder*, *traduzir* e *interferir*, utilizadas pela autora, somos quase levados a concordar com essa mudança de ótica, pois, de acordo com Rosa “podemos constatar a recorrência das raízes – *fer-*, - *duz-*, e -*ceb* – nesses dados, mas conseguimos atribuir não a elas, mas tão-somente às palavras como um todo” (ROSA, 2005, p.68)

Todavia, a dificuldade em aceitar essa teoria na sua exclusividade é o fato de que o conhecimento partilhado pode esconder algumas imprecisões podem trazer concepções equivocadas e distorcidas do emprego de algumas palavras. Com respeito ao verbo, as dificuldades seriam ainda mais acentuadas, porquanto se trata de uma classe de palavras com várias possibilidades de expansão formal e semântica, porém concatenadas à mesma base de significação, o radical. Ou seja, ainda que o estudante conheça o sentido do verbo “amar”, por exemplo, sentiria dificuldade para delimitar os sentidos das dezenas de formas flexionadas deste verbo, a saber: amou, amaria, amava, amara, ama, amado, amando etc. uma vez que suas concepções podem trazer contornos imprecisos do ponto de vista do conjunto da forma.

Por seu turno, a morfologia baseada em morfemas, como o próprio nome sugere, toma como referência para o entendimento do vocábulo o significado dos morfemas. Esse critério aparenta ser muito simples e preciso, pois basta escolher uma palavra qualquer do léxico português e segmentá-la, em seguida proceder com a revelação do sentido dos morfemas que a constitui, para finalmente conhecer o seu significado pleno. Podemos confirmar essa explicação com a segmentação da palavra *infeliz* em que o morfema *in* é um prefixo de negação do radical *feliz* e lhe acrescenta a idéia de oposição, ou seja, o contrário do que esse radical sugere. Levando-nos facilmente a concluir que uma pessoa (*in*) feliz é aquela que não está, ou não é feliz.

No entanto, esse modelo que enxerga nos morfemas o único objeto de análise, por acreditar que eles detêm uma significação própria, suficiente para empreender o sentido das palavras que constituem, tem revelado sérios problemas no tocante à segmentação de certas palavras. Daí Rosa considerar que *a definição do morfema como forma mínima com significado levou a dificuldades que não deixaram de ser detectadas pelos estudiosos da época, a começar pelo significado a atribuir a um morfema (ROSA: 2005 pag. 67).*

Para a autora, a dificuldade em aceitar esse critério como padrão único e absoluto da análise morfológica decorre de duas situações reais da linguagem. A primeira delas é o fato de que a palavra não é um elemento rígido e estanque, seu sentido está em constante movimento. Por isso, afirma que “uma palavra pode mudar de significado com o tempo, e seu significado já não ser previsível a partir dos

elementos que a constituem: amável 'gentil' considerável 'muito/grande' são alguns exemplos." (ROSA, 2005 p. 69)

O segundo problema oriundo dessa abordagem gira em torno dos morfemas gramaticais e lexicais formas presas, pois há quem diga que, quando eles são separados do conjunto de morfemas formadores da palavra a que pertencem, não conseguem ensejar qualquer atribuição de sentido. Como se pode verificar na segmentação das palavras: *conceder*, *traduzir* e *interferir*, nas quais o significado dos seus respectivos radicais *ceb*, *duz* e *fer* escapa à nossa percepção, mesmo o uso dessas formas sendo muito recorrente na língua portuguesa. Por isso Nida (1949:162) afirmava que "os significados das formas presas são particularmente difíceis de descrever." (apud ROSA p.67)

Todavia, mesmo que a corrente da morfologia baseada em morfemas aparente deixar algumas lacunas em aberto, conforme se pode sugerir a partir dos exemplos citados, ressaltamos que se for levada em consideração a concorrência de mais de um sentido numa mesma palavra (num mesmo verbo), a autonomia semântica dos morfemas ali conjugados deverá aparecer na segmentação da mesma, como é caso dos morfemas verbais, em que o radical traz a informação extra gramatical e as desinências abarcam os sentidos categoriais de modo, tempo, número e pessoa distintamente.

Isto posto, concordamos que esse critério de análise seja o que melhor descreva o universo das palavras, porque analisa a palavra levando em consideração a sua estrutura interna, o seu aspecto formal e significativo e, por sinal, esta é a incumbência da morfologia. Segue-se daí que esse modelo de análise será o adotado no presente trabalho, ainda que, para alguns casos, recorramos às contribuições da morfologia baseada em palavras (lexemas); aliás, esse seria talvez o caminho mais acertado, pois se a carga semântica dos morfemas for insuficiente para explicação da palavra, ela explicaria a si mesma pela sua significação externa.

Para se percorrer com segurança os caminhos da morfologia e compreender melhor a sua estruturação, bem como a sua relevância para o estudo da língua, é necessário também elucidar sobre as denominações por ela utilizadas, as quais são necessárias para a assimilação desse enfoque linguístico.

Enquanto integrante da ciência linguística, a morfologia tem os seus próprios termos técnicos, os quais são utilizados para delimitar o seu objeto de estudo (a palavra), e para descrevê-lo com maior precisão. São várias as nomenclaturas

utilizadas por essa disciplina, mas todas elas estão contempladas nestas duas: vocábulo e morfema.

O termo *palavra*, embora seja o principal objeto da morfologia (e não deixará de ser) por abarcar diversas possibilidades de análise do fenômeno lingüístico em função do seu extenso raio de significação, deve ser devidamente substituído por um termo de caráter científico. Zanotto (2001) corrobora esse pensamento dizendo:

Percebe-se que palavra não é realmente um termo unívoco; é plurissignificativo, polissêmico, em decorrência de seu amplo uso popular, o que lhe confere contornos semânticos imprecisos, tornando-a inadequada para emprego científico. (ZANOTTO, 2001 p.20)

Qual seria, então, o termo ideal para denominar o objeto de estudo da morfologia? Nenhum outro que não seja *vocábulo*, pois esse termo traz em seu bojo a facilidade de traduzir precisamente os encaminhamentos da pesquisa morfológica. Enquanto que o termo *palavra* detém uma imprecisão conceitual que dificultaria tal objetividade.

Assim, importa, por razões didáticas e científicas, lançarmos mão da nomenclatura *vocábulo* para delimitarmos o objeto de estudo morfológico que reclama uma precisão conceitual á altura de tal designação. Como também, trazermos á baila outro termo de uso elementar para a descrição do vocábulo, o morfema, unidade mínima significativa que precisa ter todas as suas propriedades devidamente explicitadas, haja vista que as desinências – principal objeto desta pesquisa- constituem-se uma categoria desse termo.

Conforme se descobriu com o aprofundamento dos estudos lingüístico, o morfema detém propriedades exclusivas passíveis de abordagens distintas. Isso fez que essa partícula mínima significativa fosse concebida como ponto de convergência dos estudos morfológicos, e o seu uso ocupasse posição privilegiada na tradição gramatical. No entanto, para melhor visualização dos seus atributos, convencionou-se separar essas partes que compõem o vocábulo em categorias, as quais podem variar de autor para autor. Para este trabalho, porém, utilizaremos da teoria que divide os morfemas em apenas duas classes: a do significante e do significado.

Sobre o grupo dos significantes, em que se encontram os morfemas aditivo, subtrativo, alternativo, reduplicativo, de posição e zero, limitamo-nos a considerar que essa categoria não leva em conta os aspectos semânticos e funcionais dos morfemas, mas sim, a sua representação fônica e, no caso do prefixo, infixos e sufixo, a sua disposição na estrutura vocabular.

A classificação que leva em conta a carga semântica dos morfemas - viés pelo qual esta pesquisa irá seguir – separa os morfemas em: lexicais e gramaticais. Os morfemas gramaticais fazem referência ao universo gramatical, isto é, só encontram explicação dentro do vocábulo em que figuram e suas possibilidades de apresentação são perfeitamente previsíveis, por conta do fechamento do sistema a que pertencem. Dentro desse grupo estão, o prefixo, sufixo, desinências e a vogal temática.

Já o morfema lexical é a parte do vocábulo que detém a sua significação básica, o que lhe faz ocupar a mais alta posição na hierarquia dos morfemas. Unem-se a ele a vogal temática para formar o tema, e as desinências para acrescentar-lhe uma informação nova. Da combinação do morfema lexical com os gramaticais, surgem os vocábulos mórficos. Conforme nos ensina Celso Cunha e Cintra:

Ao que chamamos até agora MORFEMA LEXICAL dá-se tradicionalmente o nome de RADICAL. É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes transmite uma base comum de significação.

A ele se agregam, como vimos, os MORFEMAS GRAMATICAIS, que podem ser uma DESINÊNCIA (ou MORFEMA FLEXIONAL) um AFIXO (ou MORFEMA DERIVACIONAL) ou uma VOGAL TEMÁTICA. (CUNHA e CINTRA, 1985 p.78)

A apreensão desses dois morfemas nos leva a atentar para a realidade do vocábulo que é ao mesmo tempo dinâmica e sistemática, bem como para a aceção de que *“Cada morfema é um átomo de som e significado – isto é um signo mínimo.”* (Rosa pag.50) e por isso, tal perspectiva deve ficar em relevo nas abordagens do estudo dos morfemas.

Depois de vermos a composição do vocábulo, passamos a observar como acontece a junção dessas partes e como ocorre o funcionamento dos processos responsáveis pela expansão formal e semântica dos vocábulos.

1.1 A formação do verbo em português

Para entendermos a formação dos verbos em português, é necessário antes explanarmos sobre o processo de formação de palavras. São dois os processos de formação do vocábulo: a composição e a derivação. A composição decorre da justaposição ou aglutinação de dois ou mais radicais de uma mesma língua, denominados também de morfemas lexicais. A derivação, por sua vez, combina os morfemas gramaticais, os afixos, com o morfema lexical acrescentando-lhe uma informação nova, criando assim um novo vocábulo, com significação própria e autonomia na língua. O vocábulo basilar dessa nova formação recebe o nome de primitivo e o que passa a figurar no sistema lingüístico, ganha o nome de derivado. Esses processos, ao lado da flexão, são responsáveis pela dinâmica da língua, pois permitem ao léxico caminhar no mesmo ritmo da criatividade humana, uma vez que, segundo Zanotto, “a cada instante o mundo sente a necessidade de criar novas palavras para designar inventos, idéias, fatos que acabam de vir à luz.” (ZANOTTO, 2001. p.63)

Não obstante o verbo ter a faculdade de submeter-se tanto ao processo de composição quanto de derivação, é a flexão o fenômeno que lhe conduz ao maior número de possibilidades transformacionais, a partir da junção dos morfemas desinenciais (e, claro, a vogal temática) com o radical. O processo de formação dos verbos em português, portanto, consiste em comutar os morfemas desinenciais com o radical, dando-lhe uma nova forma e um novo sentido.

O radical, também designado de semantema ou lexema, é o morfema que detém a significação básica do verbo, significação essa que independe de conjunção com outros morfemas, pois transcende ao universo do vocábulo. Tanto é assim que Lopes argumenta:

Lexema (ou **semantema**). É o morfema lexical básico de significação extragramatical que representa algo do mundo do homem e dos objetos (universo bio-social). Diz respeito ao léxico da língua, pertence a uma lista aberta, ilimitada, e corresponde ao radical dos nomes e dos verbos. (LOPES, 2003. p.38)

Imediatamente após o radical vem a vogal temática, morfema que se junta ao radical para formar o tema e separar os verbos em três categorias, denominadas de

conjugações verbais. Se o tema for em “a”, “e” ou “i” o verbo será de primeira, segunda ou terceira conjugação respectivamente. Diferentemente da vogal temática, as desinências têm a função de agregar ao verbo as propriedades de número e pessoa, modo e tempo.

Além das divisões estruturais, o verbo tem o seu significado mensurado em categorias, as quais se separam em modo, tempo, número, pessoa e voz. excetuando este último, por não se relacionar com os interesses desta pesquisa, passamos a apresentar as subdivisões desses constituintes verbais.

No tocante aos modos verbais, a lista se limita a três categorias: indicativo, subjuntivo e imperativo (afirmativo e negativo). Quanto às possibilidades de tempo, temos: presente, pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do presente, futuro do pretérito, pretérito perfeito composto, pretérito mais-que-perfeito composto. A flexão verbal de número, assim como ocorre nos nomes, apresenta apenas duas possibilidades: o singular e o plural; e de pessoa, seis: três do singular (eu, tu, ele/ela) e três do plural (nós, vós, eles/elas)

1.2. Flexão: um sistema regular e fechado

Ainda que a derivação seja responsável pela dinâmica da língua, por possibilitar que um número limitado de morfemas desenvolva uma lista permanente de vocábulos, ressaltamos que se trata de um fenômeno bastante complexo que não permite ser totalmente sistematizado, pois não possui um conjunto de regras bem definido, capaz de prever e controlar todas as combinações dos morfemas derivacionais com o radical. Tanto é assim que nunca param de surgir palavras no léxico português a partir de uma desconhecida conjugação desses morfemas, fato que explica a derivação ser classificada como um sistema aberto devido à sua alta produtividade na língua.

Já a flexão, como só trata de morfemas desinenciais, as possibilidades de combinação são totalmente previsíveis: o vocábulo flexiona-se em gênero, número pessoa, modo ou tempo. Acrescenta-se a isso o fato de que tais ocorrências são ditadas pelas regras de concordância (se o sujeito estiver no singular, o verbo vai

estar também no singular; se o substantivo estiver no feminino o adjetivo concordará com ele também no feminino.)

A partir de tais observações, convencionou-se classificar a flexão como um sistema regular e fechado. O verbo é a classe gramatical mais impactada por esse processo e, por conseguinte, a que melhor lhe exemplifica, pois, além de flexionar em número, pessoa e voz, detém a competência exclusiva da flexão modo-temporal, além disso, todas as suas possibilidades flexionais são sistematicamente previstas. A constatação dessa considerável capacidade flexional do verbo há tempo vem sendo frisada pelos lingüístas, conforme se percebe em Câmara Junior:

O verbo é em português o vocábulo flexional, por excelência, dada complexidade e a multiplicidade da suas flexões. As 2 [duas] noções gramaticais de tempo e modo, de um lado, e, de outro lado, de pessoa e número do sujeito, que a forma verbal indica em princípio, correspondem a duas desinências, ou sufixos flexionais, que podemos chamar, respectivamente, sufixo modo-temporal (SMT) e sufixo número pessoal (SNP). Eles se aglutinam intimamente num global sufixo flexional (SF), que se adjunge ao tema do verbo (T), constituído pelo radical (R) seguido da vogal temática (VT) da conjugação correspondente. (CAMARA JR, 1976 p. 94)

Concordamos facilmente com essa assertiva, quando olhamos para a justeza das tabelas das conjugações. Mas, sobretudo, quando entendemos o processo de formação dos verbos em português. É válido lembrar, porém, que essa propriedade do verbo funciona a reboque das leis de comutação. Por isso, passamos a considerar sobre os pormenores desse tão importante fenômeno.

1.3 As leis de comutação a serviço da conjugação verbal

Todas as possibilidades flexivas do verbo são possíveis em razão da capacidade que o radical precisam combinar com a vogal temática e os morfemas desinenciais, para criar novas formas e novos significados, fenômeno que deveria ser enfatizado pelas gramáticas da Língua Portuguesa, haja vista o conhecimento de tais morfemas isoladamente não permitir ao estudante da língua entender a dinâmica de formação dos verbos, nem tampouco distinguir os sentidos entre os verbos de um mesmo paradigma (que preserve o radical e mude apenas as desinências, por exemplo).

Por isso, além de enfatizar o significado das desinências, queremos chamar a atenção para a importância da comutação, parte da morfologia que dar conta dessa combinação criteriosa entre os morfemas. Buscaremos assim, perceber se de alguma forma esse assunto está previsto nas gramáticas analisadas. Antes, porém, para melhor compreendermos a comutação, convocamos as explicações do pesquisador Zanoto que assim se posiciona:

É a comparação entre palavras, substituindo ou eliminando parte da palavra, do que deverá resultar novo vocábulo. É importante ressaltar logo que dessa troca de elementos deve resultar nova significação, novo vocábulo. (ZANOTO, 2001. p.24)

Posto isto, podemos deduzir que os vocábulos não são formados de qualquer maneira, e que uma simples mudança de morfema pode mudar sensivelmente o seu sentido, porquanto se trata de unidades mínimas significativas.

2 O DESENHO ATUAL DOS ESTUDOS VERBAIS

Como o verbo tem a faculdade de apresentar-se de diversas formas e cada uma delas tem sentido próprio, além de ser um vocábulo de uso muito recorrente na língua portuguesa - é só lembrarmos, por exemplo, que não existe oração sem verbo - fica patente a responsabilidade que recai sobre as gramáticas da língua portuguesa de descrever com clareza as singularidades desse vocábulo, possibilitando ao estudante desta língua o uso apropriado de todas as suas formas.

Neste capítulo, portanto, traçaremos um panorama dos atuais estudos verbais trazido nos livros de português “Novas palavras” e “Linguagens e textos”, para percebermos se tais encaminhamentos estão em conformidade com as teorias linguísticas, já que a gramática é o produto final dessa ciência. Para tanto, mostraremos alguns trechos e tabelas retirados da referidos livros didáticos que apontam para a realidade do ensino/aprendizagem desta importante classe de palavras.

Para proceder, porém, com essa amostragem, levantaremos alguns questionamentos sobre como são descritas as categorias verbais de modo, tempo, número e pessoa. E verificar se o conceito de desinências e de permutação, bem como a carga semântica desses morfemas é, de alguma forma, mencionada nesses livros.

Como tradicionalmente os estudos verbais são organizados em tabelas, iniciaremos essa série de discussão com um questionamento sobre a relevância desse recurso didático, elencando as suas possíveis contribuições e desvantagens para o entendimento do assunto.

2.1 A tabela das conjugações é suficiente para empreender o sentido do verbo?

Deve-se admitir que a tabela das conjugações exerça o importante papel de tornar mais didático e dinâmico o estudo dos verbos. Só resta saber se essa disposição conduz o aluno de língua portuguesa a assimilar a carga semântica das formas verbais ali descritas, ou se a intenção com tal exposição seja de tão-somente

permitir que o estudante visualize (e memorize) todas as possibilidades flexivas do verbo. Passamos, então, a apresentar uma tabela do verbo ser no modo indicativo:

VERBO SER – MODO INDICATIVO		
Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito
sou	fui	era
és	foste	eras
é	foi	era
somos	fomos	éramos
sois	fostes	éreis
são	foram	eram
Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
for a	serei	seria
foras	serás	serias
for a	será	seria
fôramos	seremos	seríamos
fôreis	sereis	seríeis
foram	serão	seriam

Figura 1: Tabela do verbo ser. Fonte: Hermínio Sargentim.(2009, p. 99)

Conforme se percebe, a tabela permite o conhecimento das 36 formas do verbo citado (incluindo as homonímias), distribuindo-as de acordo com as três pessoas do discurso e os seis tempos do modo indicativo. Possibilita também a comparação das semelhanças entre as formas do futuro do presente e o futuro do pretérito e as diferenças entre as formas do presente com as do pretérito perfeito e imperfeito, evidenciando, com isso, a irregularidade do verbo *ser*.

Diante disso, fica evidente que se trata de um recurso indispensável para o estudo dos verbos, pois, além de tornar acessível o vislumbre de todo seu sistema flexional, possibilita a associação simultânea entre as suas conjugações, sob qualquer aspecto formal que se queira destacar. No entanto, deve-se registrar que esse instrumento de ensino não atinge a todos os níveis da compreensão do verbo, uma vez que sua preocupação é apenas com a distribuição de suas formas, o que lhe

semântico que não podem ser sucumbidos pelo enfoque de nenhuma outra perspectiva.

2.2 Como são conceituadas e descritas as categorias de modo e tempo?

A concepção dos modos e dos tempos verbais é imprescindível para se chegar ao sentido do verbo. Com base nisso, vamos analisar como essas duas categorias estão sendo trabalhadas nesses livros didáticos. Para tanto, traremos alguns conceitos e descrições utilizados nos referidos manuais, alinhando-os, no que for possível, às discussões da teoria lingüística.

A começar pela categoria “modo” que apresenta as divisões: indicativo, subjuntivo e imperativo; consideramos que, embora essas divisões sejam pequenas em quantidade, os seus sentidos são vastos e complexos, por isso reclamam explicações fáceis e, ao mesmo tempo, reveladoras de todas as suas nuances. Vejamos, então, a explicação do livro didático para esse assunto:

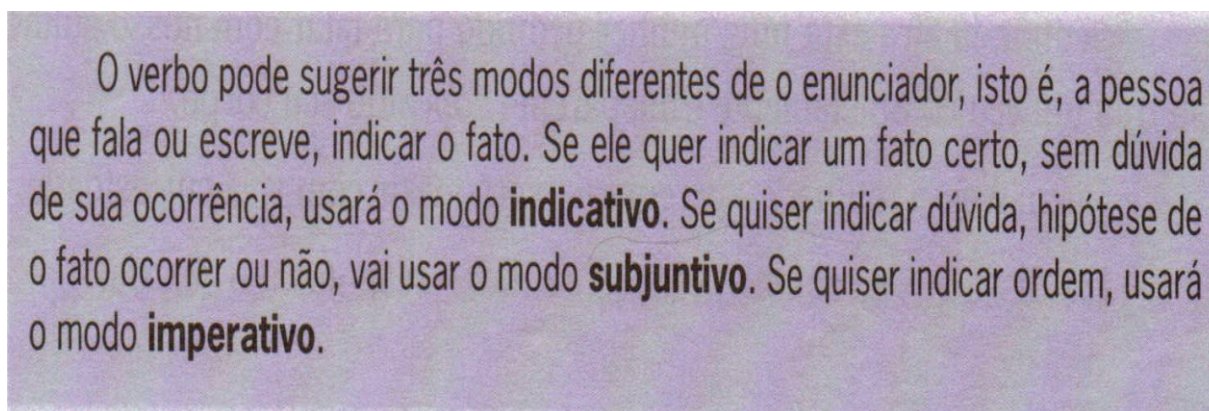


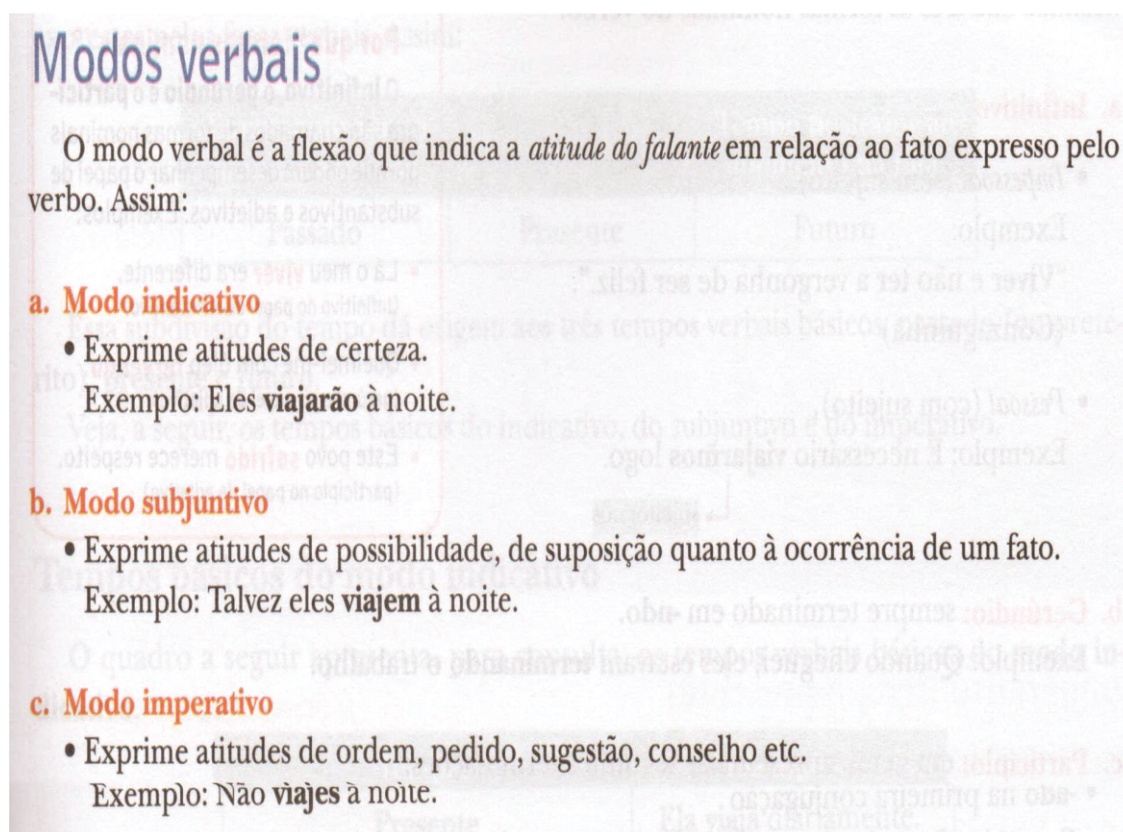
Figura 1: Conceito geral dos modos verbais. Fonte: Hermínio Sargentim.(2009, p. 23)

Agora, observemos o que Vilela e Koch consideram sobre o mesmo ponto:

O “modo” representa a interferência do sujeito falante no processo verbal: se concorda sem reservas, temos o indicativo; se tem reservas, usamos o conjuntivo; se se quer impor algo ao interlocutor, usar-se-á o imperativo. (VILALA e KOCH, 2001, p.163)

Percebe-se que existe um paralelismo semântico muito forte entre as duas definições, o que nos leva a concluir que o conceito versado no livro didático está atingindo a profundidade das discussões teóricas sobre o tema, além de facilitar a sua compreensão com uma construção sintática simples e profunda.

Mas, o que dizer do seguinte fragmento que conceitua e exemplifica os modos indicativo, subjuntivo e imperativo desta forma:



Modos verbais

O modo verbal é a flexão que indica a *atitude do falante* em relação ao fato expresso pelo verbo. Assim:

- Modo indicativo**
 - Exprime atitudes de certeza.
 - Exemplo: Eles **viajarão** à noite.
- Modo subjuntivo**
 - Exprime atitudes de possibilidade, de suposição quanto à ocorrência de um fato.
 - Exemplo: Talvez eles **viajem** à noite.
- Modo imperativo**
 - Exprime atitudes de ordem, pedido, sugestão, conselho etc.
 - Exemplo: Não **viajes** à noite.

Figura 1: Modos Verbais. Fonte: Emília Amaral.(2010, p. 291)

Mesmo com definições similares ao do primeiro recorte, o trecho acima deixa transparecer a ideia de que os modos verbais podem ter a sua gama de significação devidamente explicada em pequenos conceitos. Não que a abrangência do assunto esteja condicionada a quantidade de palavras utilizadas, mas porque a riqueza semântica de cada modo reclama conceitos que contemplem a dimensão de seus sentidos.

A categoria “tempo” por sua vez, possui nove desdobramentos na língua portuguesa: presente, pretéritos perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito, futuros do

presente, do pretérito, pretérito perfeito composto, pretérito mais-que-perfeito composto; razão pela qual se requer explicações que demarquem a particularidade semântica de cada um deles, de maneira que os seus sentidos não se confundam, e as suas formas se distingam.

Na busca de como e em que intensidade essa matéria é desenvolvida, vamos justapor o posicionamento do livro didático às explicações da teoria, a fim de evidenciar as identidades e discrepâncias que possam existir entre eles. Iniciaremos com apresentação do conceito geral dessas duas abordagens sobre os tempos verbais.

Assim, para o livro *Novas palavras a característica temporal do verbo* pode ser explicada nos seguintes termos:

Tempos verbais

Se tomarmos como ponto de referência o momento em que falamos (ou escrevemos), podemos subdividir o transcorrer do tempo em três partes e localizar nelas as ocorrências expressas pelos fatos verbais. Assim:

Tempo anterior ao momento da fala	Momento da fala	Tempo posterior ao momento da fala
Passado	Presente	Futuro

Essa subdivisão do tempo dá origem aos três tempos verbais básicos: **passado** (ou pretérito), **presente** e **futuro**.

 **CC BY** - Tempos verbais. Fonte: Emília Amaral. (2010, p. 293)

Ao passo que, para os pesquisadores Vilela e Koch (2001) a definição para essa capacidade exclusiva do verbo, cabe no seguinte pensamento:

O ponto de referência é o sujeito falante: e nesse ponto nasce o tempo, é em relação a ele que se processam ações simultâneas, anteriores, posteriores. É o aqui e agora do discurso, em relação ao qual se constrói o “outro”, o ali, o lá, o então. (VILELA E KOCH, 2001 p.163)

A comparação entre as duas definições far-se-á por meio de dois questionamentos complementares: Qual o ponto incomum entre elas? E Que

informação divergente elas apresentam? A resposta da primeira pergunta está na coincidente tripartição do tempo: passado/ações anteriores; presente/ações simultâneas; futuro/ações posteriores, em que os autores usam termos diferentes referindo-se à mesma coisa. Mas a semelhança para por aí, porquanto, respondendo à segunda pergunta, percebe-se uma pequena discordância no que tange ao ponto de referência dos tempos verbais, que para uma, é o momento em que se realiza a fala (ou a escrita) e para outra, é o próprio falante.

Embora a explicação do livro concorde parcialmente com a da teoria, ressaltamos que a omissão da importância de ter como referência o falante para se situar no tempo, obscurece em alguns casos o entendimento individual de suas subdivisões. Ou seja, o aluno pode se deparar com a forma verbal “cantamos” e ficar em dúvida se a classifica como presente ou pretérito perfeito do indicativo, já que o momento da fala é incerto.

Imprecisão facilmente evitada se a atenção estiver voltada para o falante, para a reconstituição das suas ações na linha do tempo. O que permite fazer comparações com outras ações mencionadas por ele. Assim, se “cantamos” estiver relacionado a outro verbo no presente do indicativo como na frase “cantamos bem, mas ele canta melhor” o tempo do verbo será o mesmo: presente do indicativo, porque a forma verbal “fica” também está neste mesmo tempo. Porém, se mudarmos a frase para “cantamos bem, mas ele cantou melhor” teremos uma mudança no tempo do verbo que passa a ser classificado como pretérito perfeito em função da linearidade que deve existir entre ele e a forma verbal “cantou”.

2.3 Os livros didáticos dispensam a devida atenção às categorias de número e pessoa?

Antes de respondermos a essa indagação, devemos ressaltar que as categorias de número e pessoa exercem importante função de identificar e quantificar as pessoas do discurso e que as suas ocorrências no verbo são reguladas pelas leis de concordância, isto é, o verbo deve concordar com o sujeito em ambas as flexões.

Partindo do pressuposto de que se trata de um assunto de entendimento simples, examinaremos se as suas poucas particularidades são devidamente explicadas pela gramática escolar:

Números e pessoas verbais

As formas verbais geralmente se relacionam às **três pessoas do discurso** (1^a, 2^a e 3^a) e podem apresentar-se em **dois números**: *singular*, para referir-se a um único ser, ou *plural*, para referir-se a mais de um ser. Assim, temos seis formas verbais: três para o singular e três para o plural. Veja o quadro:

Número	Pessoa	Pronome pessoal representante	Exemplo
Singular	1 ^a	eu	viajo
	2 ^a	tu	viajas
	3 ^a	ele/ela	viaja
Plural	1 ^a	nós	viajamos
	2 ^a	vós	viajais
	3 ^a	eles/elas	viajam

Figura 1 - Números e pessoas verbais. Fonte: Emília Amaral.(2010, p. 290)

Com esta definição, o livro em análise parece ter apresentado as categorias de número e pessoa sem deixar nenhuma lacuna aberta, pois menciona não só as três pessoas do discurso (1^a, 2^a e 3^a) e as duas divisões de número, singular e plural; como também deixa a entender que essas duas categorias atuam simultaneamente, levando o aluno a compreender que uma mesma forma verbal pode estar flexionada na primeira, segunda ou terceira pessoas do singular ou do plural.

Passamos agora a considerar se essa proposição expressa no livro está em conformidade com o argumento do ponto de vista linguístico, representado nas explicações de Vilela e Koch:

A noção de “pessoa” – ligada sobretudo aos chamados pronomes pessoais – é o eixo de uma categoria importante na língua: a dêixis linguística. É a categoria pessoa que instala o ponto dêitico na enunciação: é o ponto de partida para o estabelecimento das

relações entre o falante, o espaço e o tempo da enunciação e do enunciado. Aliás, da categoria "pessoa" derivam as demais: é a fonte e o alvo da comunicação. (VILELA e KOCH, 2001. p.163)

Ao compararmos os dois fragmentos, percebemos uma unanimidade entre eles com respeito à interação das pessoas do discurso e as formas verbais, porém faz-se evidenciar uma diferença aguda: o livro escolar, mesmo apresentando-as de forma pormenorizada, exime-se da responsabilidade de realçar a natureza primitiva das pessoas do discurso, não fazendo nenhuma referência da subordinação das demais categorias a ela. Enquanto que as linguístas o fazem de forma coerente, ao colocar a categoria pessoa como ponto inicial e primitivo das demais classes verbais.

No que tange à categoria de número, a semelhança e diferença da explicação do livro didático em relação às propostas da morfologia contínua, conforme se percebe nas palavras de Lopes:

No verbo, a flexão de número, cumulativa com a de pessoa, desempenha um papel semelhante ao da flexão de número do adjetivo, sendo também um traço gramatical (sem valor semântico) introduzido na estrutura de superfície para efeito de concordância e sem valor de multiplicidade, como se comprova no enunciado, *nós viajaremos*. (LOPES, 2003.p.85)

A semelhança é referente à concomitância das categorias de número e pessoa registrada tanto pelo autor do livro didático, quanto pelo pesquisador. A diferença decorre do fato de este fazer menção da obrigatoriedade da concordância imposta ao verbo, e aquele julgar tal informação desnecessária, ocasionando com isso, um entendimento obliquo da referida categoria.

3. Como os livros didáticos tratam as desinências verbais

Uma vez apresentada a composição dos verbos em português e as categorias contempladas nessa classe de palavras, a saber: o número, a pessoa, o modo e o tempo, urge agora sabermos se os morfemas desinenciais, responsáveis tanto pela constituição do verbo, quanto pela sua expansão semântica, figuram nos livros didáticos em análise e recebem tratamento de morfema detentor de parte da significação das formas verbais. O que implica os seguintes questionamentos: a maneira como as desinências número-pessoais e modo-temporais são abordadas nos manuais de língua portuguesa atende ao grau de exigência reclamado pelas inúmeras formas facultadas ao verbo? E ainda: o modo como as gramáticas tratam esse assunto favorece uma inequívoca atribuição de sentido a todas essas possibilidades de apresentação do verbo?

Das respostas obtidas com tais questionamentos, perceberemos se o tratamento dispensado ao estudo dos verbos pelas gramáticas *Novas palavras e Linguagens e textos* tem contribuído para formação de estudantes atentos à pluralidade semântico-morfológica dessa abundante classe de palavras e se apresentam explicações coerentes com o uso efetivo da língua.

Porquanto, para que haja correção no significado atribuído às formas verbais, é necessário que o sentido de cada modo e tempo, bem como a noção de identificação e quantificação das pessoas do discurso seja devidamente explicado. Do contrário, o máximo que pode ocorrer é a memorização das formas e das tabelas das conjugações verbais, reduzindo o estudo da língua a uma prática vazia e sem sentido.

Não basta só lembrar, por exemplo, que a forma verbal *cantava* é classificada como pretérito imperfeito do indicativo, atribuída tanto a primeira quanto a terceira pessoa do singular. Estudar verbo é mais que isso: é conhecer as peculiaridades semânticas de cada modo e tempo verbais referenciadas nas suas respectivas desinências, de maneira tal que o estudante da língua possa fazer uso das formas do verbo sem qualquer dificuldade, identificando e aplicando-as em contextos discursivos diversos. Para que isso aconteça, porém, é necessário atentar para as outras partições do verbo que, assim como o radical, contribuem para

formação e consecução do seu significado. Por isso, não há como falar em estrutura verbal, sem levar em consideração também as desinências.

3.1 Os morfemas desinenciais são apresentados como parte da significação do verbo?

Conforme já assinalamos, os estudos verbais devem proporcionar ao estudante de língua portuguesa o conhecimento nítido das categorias do verbo, pois são elas que revelam o seu sentido. No entanto, como os morfemas desinenciais são os condutores da semântica dessas categorias para as formas dos verbos, é necessário que se reconheça também a importância de tais morfemas para a explicação dessa classe de palavras. Sendo assim, passamos a analisar se os morfemas desinenciais são apresentados com parte significativa do verbo.

Observemos o seguinte recorte do livro *Linguagens e textos* concernente à temática:

Os verbos são constituídos por duas partes. Observe o exemplo do verbo **desejar**.

Eu desej- o .	Nós desej- amos .
Tu desej- as .	Vós desej- ais .
Ele desej- a .	Eles desej- am .

Os verbos apresentam uma parte **fixa** "desej" (radical) e uma parte **variável** (desinência), isto é, que muda: "o, as, a, amos, ais, am".

Chamaremos de verbos **regulares** aqueles que não apresentam alterações no radical nem na desinência.

Figura 1 - A constituição do verbo. Fonte: Hermínio Sargentim. (2009, p.25)

O autor apresenta a divisão estrutural do verbo em radical e desinências e até explica a função desses dois morfemas, contudo não dedica nenhuma atenção para as propriedades semânticas latentes às suas formas, o que faz do trecho uma explicação lacunar e comprometedor da clareza do assunto. Porquanto, não é suficiente para obtenção do seu entendimento, dizer apenas da concorrência desses dois morfemas na estrutura verbal, pois o estudante precisa saber bem mais que isso para conseguir usar as formas verbais adequadamente.

Confrontando o recorte acima com este outro fragmento, em que o autor explica a formação do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, futuro do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo a partir da indexação das suas desinências ao tema do pretérito perfeito, conforme percebemos:

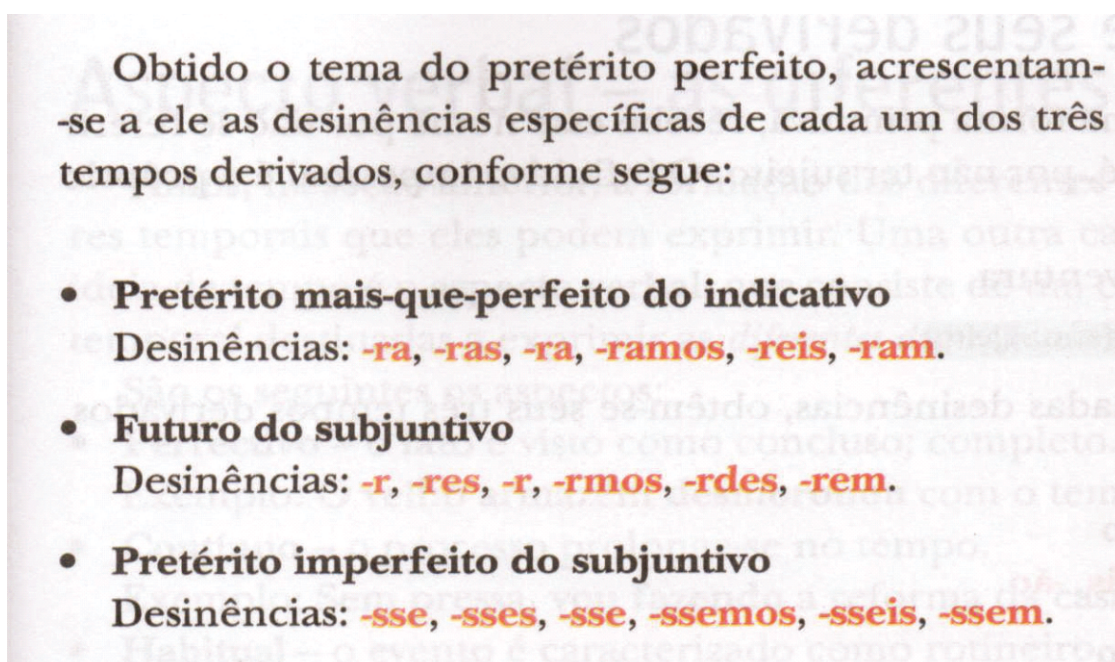


Figura 1 - As derivações do Pretérito Perfeito. Fonte: Emília Amaral.(2010, p. 309)

Fica patente o quanto os dois trechos são díspares, pois, enquanto o primeiro despreza o sentido das desinências, não fazendo nenhuma referência entre elas e suas respectivas categorias, o segundo o faz de maneira simples e objetiva, possibilitando ao estudante da língua um aprendizado revelador dos sentidos das desinências e, por conseguinte, mais proveitoso para sua formação.

3.2 Um estudo verbal centrado nos morfemas desinenciais

Iniciaremos este capítulo com o seguinte questionamento: é possível haver um estudo verbal com base nos morfemas desinenciais, sem desprezar o sentido lexical do radical? A pergunta, em primeira instância, é complexa, pois parece

contrariar a tradição dos estudos verbais e por em xeque os inúmeros livros didáticos elaborados em perspectiva oposta.

Mas a incontestável ressonância da morfologia no campo da semântica e a diminuição da persistente distância entre forma e sentido provocado pela observação das desinências, parece não deixar dúvidas de que o ensino/aprendizado do verbo por este viés nem só é possível, como também torna mais acessível a consecução dos seus sentidos. Em outras palavras, significa dizer que se o estudante for devidamente instruído a atribuir sentido às formas verbais com base nas desinências modo-temporais e número-pessoais, ele estará munido de um recurso que lhe permite analisar o verbo de forma prática e simples.

Contudo, deve-se pontuar que este recurso não substitui os outros, pelo contrário, para que ocorra o aprendizado do verbo na perspectiva dos morfemas desinenciais, é necessário haver também explicações claras e profundas sobre as classes de modo, tempo, número e pessoa; bem como, a devida utilização das tabelas das conjugações, do conhecimento lexical residente no radical e das demais singularidades do assunto.

A utilização desse instrumento didático reclama também a segmentação do verbo e o conseqüente reconhecimento do valor semântico dos morfemas encontrados, para finalmente proceder com a comparação entre eles. Para explicar como ocorrem esses dois processos, evocamos as palavras do pesquisador Normélio Zanotto:

Como depreender, destacar cada um dos morfemas constituintes do vocábulo mórfico? São dois caminhos para chegar com segurança à depreensão dos morfemas. O primeiro caminho é o da significação. Os morfemas são unidades significativas. Só faz sentido considerar um segmento de vocábulo como morfema se esse segmento for significativo, se for responsável por parte da significação total do vocábulo (...) O segundo caminho é fazer comutação entre vocábulos, mantendo numa coluna uma parte permanente, listando noutra coluna elementos em contraste, segundo estabelece o princípio da oposição lingüística. (ZANOTTO, 2001 p. 24)

Aplicando esse conhecimento ao estudo do verbo, devemos inicialmente separar os seus componentes: radical, vogal temática e desinência, e reconhecendo de forma automática, a carga semântica de cada um deles. Saber que o radical contém a significação básica do verbo, a vogal temática classifica-os em primeira, segunda e terceira conjugação e as desinências abrigam as categorias de modo,

tempo, número e pessoa. Em seguida, proceder à comparação de tais morfemas, para que os seus contrastes e semelhanças possam vir à tona.

Centrando-se nas desinências, na capacidade que elas têm de se comutar para criar as formas verbais, percebemos o quanto é necessário separar esses morfemas dos radicais a que estão anexados, para estudar as suas propriedades isoladamente. Tomando como exemplo as formas verbais “estudava” e “estudou”, a comutação nos permite abstrair as desinências “va” e “u” do radical “stud” e assim perceber a relação de oposição e de identidade entre elas, no tocante à forma e ao significado. A identidade decorre do fato das duas pertencerem ao modo indicativo, e a oposição, porque uma pertencer ao pretérito perfeito e outra, ao imperfeito.

O recorte que segue exemplifica bem essa proposta morfológica para os estudos verbais, como eles precisam acontecer para que o sentido do verbo possa ser compreendido pelo usuário da Língua Portuguesa. Neste, o autor explica a derivação do futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito indicativo e infinitivo pessoal a partir do infinitivo impessoal da seguinte forma:

Juntando ao infinitivo determinadas desinências, obtêm-se seus três tempos derivados, que são os seguintes:

- **Futuro do presente do indicativo**
Desinências: **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão.**
- **Futuro do pretérito do indicativo**
Desinências: **-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam.**
- **Infinitivo pessoal**
Desinências: #, **-es, #, -mos, -des, -em.**
(O sinal # indica que não há desinências para a 1ª e a 3ª pessoa do singular.)

Exemplo: verbo **viver** (infinitivo impessoal: *viver*)

Figura 1 - Os tempos derivados do infinitivo. Fonte: Emília Amaral. (2009, p. 310)

Se partirmos do pressuposto de que as noções dos três tempos verbais aludidos acima formam previamente ensinadas, assim como a troca das desinências dos referidos tempos com o verbo no infinitivo impessoal, devemos considerar a explicação convincente, porque ensina três dos nove tempos verbais, com a simples

orientação de justapor ao infinitivo impessoal as desinências de cada um desses tempos. Embora não faça diferença entre as desinência modo-temporal e número-pessoal.

Para atestar de vez, a efetividade do estudo do verbo, utilizando-se das contribuições da morfologia baseada em morfemas aliada às leis de comutação, passamos a analisar este outro fragmento que faz uso desses dois recursos didáticos:

Para exemplificar, vamos partir de **fal-** (radical de *falar*), **viv-** (radical de *viver*) e **part-** (radical de *partir*) e formar o **pretérito imperfeito do indicativo** desses três verbos. Veja:

Pretérito imperfeito do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo
eu falava	eu vivia	eu partia
tu falavas	tu vivias	tu partias
ele falava	ele vivia	ele partia
nós falávamos	nós vivíamos	nós partíamos
vós faláveis	vós vivíeis	vós partíeis
eles falavam	eles viviam	eles partiam

Gráfico 1 - As desinências do Pretérito imperfeito. Fonte: Emília Amaral. (2009, p. 306)

O recorte traz as flexões e, em destaque, as desinências do pretérito imperfeito do indicativo com verbos de primeira, segunda e terceira conjugações. A sua relevância reside no fato de poder favorecer, com a evidência desses morfemas, o nítido entendimento da constituição desse tempo verbal e ainda permitir ao discente a percepção de detalhes que não seria possível perceber em outra abordagem, como, por exemplo, a identidade das desinências das formas verbais da segunda e terceira conjugações do pretérito imperfeito do indicativo.

Vejamos outro fragmento em que traz a explicação da formação do pretérito imperfeito do indicativo de acordo com essa linha de pensamento.

Formação do pretérito imperfeito do indicativo

Para formar esse tempo, juntam-se ao radical do **presente do indicativo** as desinências próprias que esse pretérito tem em cada conjugação, conforme segue:

- Em verbos de 1ª conjugação**
 - Desinências: **-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam.**
- Em verbos de 2ª e 3ª conjugações**
 - Desinências: **-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam.**

Pretérito imperfeito

Pretérito é sinônimo de **passado** e **imperfeito** significa **não concluído**, que não chegou ao seu final. Empregam-se as formas desse tempo principalmente para:

- Expressar fatos que começaram, mas não chegaram ao seu final.
Exemplo: Eu **estudava** quando ela chegou.
- Expressar fatos habituais/contínuos no passado.
Exemplo: Eu **morava** em Salvador.

Figura 1 - A formação do Pretérito imperfeito com base nas desinências. Fonte: Emília Amaral. (2009, p. 305)

O fragmento traz um claro e preciso conceito sobre o pretérito imperfeito, explicando o sentido de cada termo formador desse binômio, além de trazer definições e exemplos acessíveis à compreensão do estudante da língua. Mas, além disso, o trecho elucidava a concepção e identificação das formas verbais desse tempo com a apresentação das dez desinências que lhes são próprias, ou seja, leva o aluno a reconhecer o tempo do verbo a partir da simples observação de tais morfemas.

Agora, analisaremos uma explicação que não obedece ao modelo acima citado para perceber se, sem o subsídio das desinências e da comutação, as características do verbo podem ser satisfatoriamente explicadas.

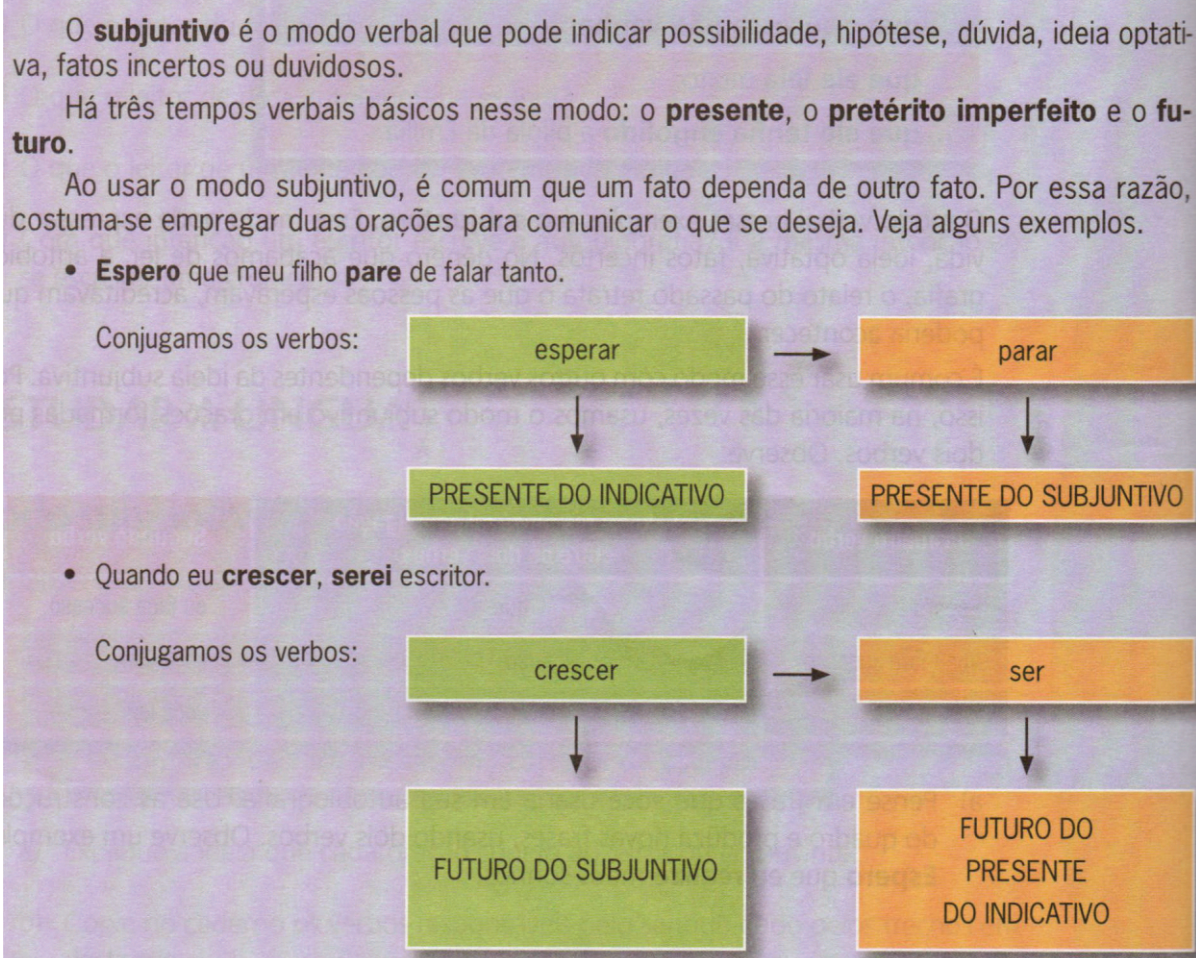


Figura 1 - Explicação do modo subjuntivo. Fonte Hermínio Sargentim. (2010, p. 88)

É inegável a justeza da explicação do modo subjuntivo trazido no recorte acima, em que são ensinadas as suas três divisões temporais, presente, pretérito imperfeito e futuro; enfatizando também a duplicidade do seu acontecimento, em razão da relação de dependência entre as orações, introduzidas pelos verbos neste modo.

Mas também, deve-se considerar que nenhuma contribuição é dada no sentido de ajudar o aluno a reconhecer as formas verbais do modo em questão, ou seja, o estudante saberá o que significa o modo subjuntivo, porém irá desconhecer as suas ocorrências representadas nas suas formas. Diante disso, fica comprovada a necessidade de se observar as desinências e de aplicar as regras de comutação nos estudo verbais

Para se promover, porém, um estudo verbal levando em consideração os morfemas desinenciais, é preciso antes sistematizar as desinências, alinhando-as a sua respectiva referência, quer sejam as categorias modo-temporais, quer sejam as categorias número-pessoais. Como tal exigência já é atendida pela gramática, apresentar o esquema adotado pelo gramático Evanildo Bechara:

As desinências modo-temporais são:

1) Para o Indicativo:

- a) \emptyset no presente, isto é, não existe;
- b) –va- (-ve-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.^a conjugação: canta-va;
- c) –ia- (-ie-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.^a e 3.^a conjugações: dev-ia, part-ia,
- d) \emptyset para o pret. perfeito (até a 2.^a pess. do pl. e -ra- para a 3.^a pess. pl.): cant-e-i, canta-ra-m;
- e) –ra- (re) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: canta-ra, vende-ra, parti-ra; cantá-re-is;
- f) -ra- (re) tônico caracteriza o futuro: canta-re-i, canta-rá-s, canta-rã-o, deve-re-iparti-re-i;
- g) -ria- (-rie-) caracterize o futuro do pretérito: canta-ria, deve-ria, parti-ria.

2) Para o Subjuntivo:

- a) -e- caracteriza o presente da 1.^a conjugação: cant-e;
- b) -a - caracteriza o presente da 2.^a e 3.^a conjug.: vend-a, part-a;
- c) -sse- carcteriza o pret. imperfeito: canta-sse, vende-sse, parti-sse;
- d) -r- (-re-) caracteriza o futuro e o infinitivo: cant-a-r, vend-e-r, part-i-r; canta-re-s, canta-re-m
- e) -ndo caracteriza o gerúndio: canta-ndo, vende-ndo, parti-ndo;
- f) –do caracteriza o particípio: canta-do, vendi-do, parti-do.

As desinências número-pessoais são:

	1. ^a pessoa:	\emptyset , -o (só no pres.ind.),-i (só no pret.perf. do ind.e futuro do presente)
Singular	2. ^a pessoa:	–s, -set (esta última só no pret.perf.do ind.) e \emptyset no imperativo
	3. ^a pessoa:	\emptyset , -u (só no pret.perf. do ind.)
	1. ^a pessoa:	- mos
Plural	2. ^a pessoa:	-is(com supressão do –s final no imperativo) –des (esta última só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares, monossilábicos), -stes (só no pret. perfeito do ind.).
	3. ^a pessoa:	nasalidade representada na escrita por –m; quando seguida de a desenvolve o ditongo /ã ?/ , e seguido de e o ditongo / ??/.

Deve ficar claro, porém, que este recurso didático não tem a pretensão de esgotar todas as propriedades do verbo, sua única e exclusiva preocupação é explicar as formas verbais, a partir da revelação dos sentidos das categorias de modo, tempo, número e pessoa contemplados nessas formas, para tanto busca referência nas suas respectivas desinências. Em outras palavras, a aplicação desse instrumento de análise sirva para possibilitar ao estudante um caminho mais simples para o reconhecimento das formas verbais. Assim, se o aluno se deparar com uma forma verbal qualquer e sentir dúvidas em relação à sua classificação (a que tempo verbal deverá ser atribuída, por exemplo) com a simples lembrança do sentido da desinência, poderá chegar ao seu sentido da forma, sem muitas dificuldades.

Trata-se na verdade de um mecanismo já utilizado pela gramática para tornar mais didática as suas explicações. As regras de acentuação gráfica, por exemplo, por serem devidamente sistematizadas permitem ao estudante ter internalizado o conhecimento de que todas as palavras proparoxítonas são acentuadas, o hiato de “I”, seguido de “NH” não se acentua e as paroxítonas terminadas “X” recebem acento, etc. Se pretende o mesmo com a listagem das desinências, para que o estudante da Língua Portuguesa possa desenvolver paulatinamente o conhecimento internalizado das desinências, e, por conseguinte, das formas verbais. Para melhor visualização desse modelo descritivo segue abaixo uma tabela de conjugação verbal do linguísta Normélio Zanutto (2001), elaborada conforme tal perspectiva:

IdPr				IdPt1				IdPt2			
R	VT	DMT	DNP	R	VT	DMT	DNP	R	VT	DMT	DNP
and-	(a)	ø	o	and-	a -	va	Ø	and-	E	ø	I
and-	a -	ø	s	and-	a -	va	s	and-	a	ø	ste
and-	a -	ø	ø	and-	a -	va	ø	and-	o	ø	u
and-	a -	ø	mos	and-	a -	va	mos	and-	a	ø	mos
and-	a -	ø	is	and-	a -	ve	is	and-	a	ø	stes
and-	a -	ø	m	and-	a -	va	m	and-	a	ra-	m
IdPt3				IdFt1				IdFt2			
and-	a -	ra	ø	and-	a -	re-	I	and-	a -	ria	Ø
and-	a -	ra-	s	and-	a -	rá-	s	and-	a -	ria-	s
and-	a -	ra	ø	and-	a -	rá	ø	and-	a -	ria	ø
and-	á-	ra-	mos	and-	a -	re-	mos	and-	a -	ría-	mos
and-	á-	re	is	and-	a -	re-	is	and-	a -	rie-	is
and-	a -	ra-	m	and-	a -	rã-	o	and-	a -	ria	m
SbPr				SbPt				SbFt			
and-	(a)	e	ø	and-	a -	sse	Ø	and-	a -	r	ø
and-	(a)	e-	s	and-	a -	sse-	s	and-	a -	re	s
and-	(a)	e	ø	and-	a -	sse	ø	and-	a -	r	ø
and-	(a)	e-	mos	and-	á-	sse-	mos	and-	a -	r-	mos
and-	(a)	e-	is	and-	á-	sse-	is	and-	á-	r-	des
and-	(a)	e-	m	and-	a -	sse-	m	and-	a -	re-	m
IpAf				IpNeg							
-	-	-	-	-	-	-	-				
and-	a	ø	ø	and-	(a)	e-	s				
and-	(a)	e	ø	and-	(a)	e	ø				
and-	(a)	e-	mos	and-	(a)	e-	mos				
and-	a -	ø	i	and-	(a)	e-	is				
and-	(a)	e-	m	and-	(a)	e-	m				
Formas nominais											
If				Gr				Pa			
and-	a-	r	Ø	and-	a-	ndo	Ø	And	a-	do	Ø

Tabela 1 - Conjugação do verbo andar com a segmentação das desinências, Fonte: Normélio Zanotto, Estrutura Mórfica da Língua Portuguesa

Com a utilização desse instrumento de ensino paralelo aos já utilizados pela tradição gramatical, o livro didático poderá contribuir para a quebra da tradicional afirmação de que o uso adequado das formas verbais é um marco inatingível, proporcionando ao docente maiores condições para explorar o sentido latente das desinências e ao discente, possibilitar a fácil concepção e o preciso reconhecimento das formas do verbo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante esta pesquisa, verificamos os encaminhamentos dos estudos verbais na perspectiva dos livros didáticos analisados. A proposta era saber se as explicações concernentes à índole do verbo, por este instrumento de ensino, exploram as propriedades semântico-morfológicas contempladas nas desinências modo-temporais e número-pessoais e ressaltam a expansão do sentido das formas verbais a partir de tais morfemas. Além disso, este trabalho teve como objetivo investigar se os livros didáticos, ao explicarem a atribuição de sentido às formas conjugadas do verbo, bem como a sua estruturação, levam em consideração a necessidade de segmentação e isolamento das desinências para sua melhor observação.

Dos dois livros analisados, obtemos o seguinte resultado: O livro *Novas palavras* apresenta explicações convincentes sobre a natureza semântica do verbo, porquanto, traz conceitos e descrições sobre as categorias de modo, tempo, número e pessoa, muito semelhantes aos elaborados por gramáticos e linguistas da área da morfologia. Não deixando de registrar, porém, que, em algumas dessas explicações, o autor incorra na falha de limitar-se à superficialidade do assunto.

A função que as desinências contêm de agregar sentido ao verbo também é devidamente trabalhada por este livro, uma vez que em seus quadros explicativos deixa evidente o valor semântico dessas partículas, elevando-as à condição de morfemas responsáveis por parte da significação das formas verbais. Isso corrobora o que está postulado pela teoria linguística sob o aspecto morfológico, em que cada uma dessas partições do verbo é tratada como sendo possuidora de formas e sentidos próprios. Como tais características precisam ser ensinadas da forma mais clara possível, para que o sentido do verbo possa ser devidamente alcançado pelo estudante da Língua Portuguesa, a explicação, portanto, deve ser considerada satisfatória.

Por seu turno, o livro *Linguagens e textos*, explica as classes de modo, tempo, número e pessoa de maneira condizente com o que está previsto pela morfologia para o entendimento do assunto, no entanto ao fazê-lo de forma separada da estrutura verbal compromete a visualização da interface entre essas

classes do verbo com o sentido extralinguístico do radical, bem como as suas representações nas formas verbais.

Com respeito à extensão do sentido do verbo atribuída as suas desinências, o referido livro não deixa claro que as formas verbais é um agregado de dois morfemas significativos: o radical, a base dessa significação e as desinências, morfemas vinculados ao verbo para mudar-lhes a forma e o sentido inicial. Tais elisões explicativas fazem como que o estudante de Língua Portuguesa se distancie da concepção inequívoca das formas do verbo, visto que o seu entendimento passa também por esses vieses.

Quanto à explicação do verbo pela separação dos morfemas que o compõem, o livro *Novas palavras* vem repleto de explicações em conformidade com a corrente da morfologia baseada nos morfemas e mostra-se mais próximo da exploração das propriedades do verbo que o livro *Linguagens e textos*, o qual quase não traz nenhuma explicação obedecendo a este modelo de interpretação. Essa sobreposição confirma assim, a eficácia desse modelo de estudo e a necessidade de sua consignação nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

Como a comutação é comprovadamente imprescindível para o conhecimento da estrutura verbal, haja vista o seu apontamento para a dinâmica das desinências e, por conseguinte, para o uso apropriado das formas verbais, é válido também ressaltar que a não ocorrência desse fenômeno nos dois livros analisados revelam uma fissura no estudo dos verbos na abordagem do livro didático.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Emília. **Novas palavras, nova edição**/Emília Amaral... [et al.].-1.ed.-São Paulo: FTD, 2010. – (Coleção novas palavras, nova edição; v.2)

BECHARA, Evanildo, **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed Vozes LTDA, 1976.

CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KEHDI, Valter. **Morfemas do Português**. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. **Lições de morfologia da língua portuguesa**. Jacobina: Tipô-Carimbo, 2003.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia** 4ª Ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

SARGENTIM, Hermínio. **Linguagens e textos, 7º ano** / Hermínio Sargentim. – I. ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

VILELA, Mário.KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

ZANOTO, Normelio. **Estrutura mórfica da Língua Portuguesa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.